

O “Mito Ariano” no tempo da I Grande Guerra: Die Grundlagen de H.S. Chamberlain – ANA LEONOR PEREIRA e PEDRO FONSECA

Faculdade de Letras e CEIS20, Universidade de Coimbra

aleop@ci.uc.pt

Em 1899, data da primeira edição de *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts*, o mito ariano (que vinha sendo estruturado a vários níveis e por intelectuais diversos desde finais do século XVIII) ganhou um corpo ideativo hierarquista (Patrick Tort) e impôs-se como “a nova Bíblia de centenas de milhares de alemães” (Léon Poliakov) incluindo intelectuais naturalistas como Ernst Haeckel. Chamberlain (1855-1927) foi um cosmopolita: nasceu em Inglaterra, filho de um almirante; foi educado em França, onde o seu preceptor, Otto Kuntze, o iniciou na germanofilia; formou-se em Ciências Naturais e doutorou-se em botânica; viveu na Áustria, na Suíça e na Alemanha; casou com Eva Wagner (filha de Richard Wagner) e faleceu no país que tanto admirava: a Alemanha. Com a obra *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* (1899), torna-se no “profeta titular do arianismo” (Léon Poliakov). De facto foi enorme a influência que esta obra exerceu em diferentes países, na sua época e depois dela, tendo como ideia chave a superioridade da “raça germânica”, a raça mais dotada no seio dos “arianos”. Com efeito, Chamberlain estrutura o “mito nórdico” dentro do “mito ariano” e dá corpo a outros mitos racistas como o anti-semitismo. *Die Grundlagen* afirmam a doutrina do pangermanismo para resolver questões imaginárias como “o caos étnico” e o suposto “perigo judeu”. De facto, a obra não tardou a assumir-se como a “bíblia” dos pangermanistas, com o seu autor a conquistar a admiração e a amizade do Imperador Guilherme II, de quem foi conselheiro, influenciando a sua ideia de dominação mundial alemã, e com quem manteve correspondência entre 1901-1918 e 1921-1923 (Paul Weindling).

Com o início da Grande Guerra, Chamberlain acusou a sua pátria de ter traído a “raça germânica”. Durante o conflito, escreveu uma série de ensaios de guerra (*Kriegsaufsätze*) como propaganda alemã. Nestes ensaios refere-se à vinda de um futuro líder e avança a ideia, decisiva no período do pós-guerra, de que dentro da Alemanha havia quem desejasse a sua derrota na guerra e o desmoronamento do Império. Em 1915, Chamberlain foi distinguido pelos serviços prestados ao Império, sendo-lhe

concedida a cidadania alemã no ano seguinte. Na década de 1920, estabeleceu contacto com Adolf Hitler e outros dirigentes do NSDAP e a sua construção mítica tornou-se uma base ideológica do III Reich.

Em Portugal, nenhum intelectual da chamada Geração de 70 aprovou a eugenia racial de Chamberlain (Ana Leonor Pereira). Ramalho Ortigão analisou a tradução francesa de 1913 da obra *Die Grundlagen* com todo o distanciamento racional, emocional e não se deixou seduzir pelo seu teor pangermanista nem pelos argumentos pretensamente científicos de purificação racial expostos por Chamberlain.

Concluindo, em plena Guerra de 1914-18, o chamado “mito ariano”, através do contributo de vários intelectuais e especialmente de Chamberlain apresenta-se como uma narrativa de nível erudito e simultaneamente manipuladora da consciência pública.